



Caso Histórico

A VERDADE SOBRE MATA HARI

Margareth Gertrude Zelle era uma garota holandesa modesta, dotada daquele encanto precário que deixava os homens inquietos em sua presença. Do seu casamento infeliz com um oficial do Exército colonial holandês, destacado em Java, recolheu apenas uma vantagem: inicia-se no bailado oriental e adota o pseudônimo artístico MATA HARI - O OLHO DO DIA. Com essa duvidosa aquisição, pouco talento, mas muita ambição, volta à Europa convulsionada pela I Grande Guerra. Perambula por vários países - França, Espanha, Inglaterra e Holanda – dando saraus beneficentes, sempre em companhia de oficiais. Essa mania pela farda, ser-lheia fatal. A suspeita de que sob os véus de Mata Hari se escondia uma perigosíssima agente germânica começou firmar-se. Os inexplicáveis e certos afundamentos de navios aliados, bem como o fracasso de várias ofensivas francesas começam a ser vistos como consequência das atividades da enigmática dançarina. É presa com facilidade - andava à vista de todos - e processada, sem direito à defesa. A carreira de Mata Hari se encerra no Forte de Vincennes, na madrugada de 15 de outubro de 1917, diante de um pelotão de fuzilamento.

A enorme notoriedade conquistada por Mata Hari não resistiu, porém, a um exame isento e desapassionado. A História provou facilmente a inconsistência das acusações levantadas contra ela. É que sua fama assentava-se simplesmente num tremendo equívoco: nem espiã, nem artista. A malícia e o talento, indispensáveis a essas duas atividades, Margareth Zelle não os possuía. Era apenas uma mulher ambiciosa e, até certo ponto, ingênua, em busca da consideração

* Artigo publicado na Revista Coletânea L. Brasília: EsNI, ano II, n. 7, fev. 1978. p. 78-89.

pública. Ao obtê-la, afinal, pagou um preço demasiadamente alto. Mesmo sem merecimento, Mata Hari conquistou um lugar na História. Hoje, com certo constrangimento, as enciclopédias francesas estampam sua efígie, acompanhada de uma observação apressada que a define como dançarina de quem se suspeitava ter sido espiã a soldados dos alemães. Depois de Executada, os espantados franceses constataram não existir nos arquivos alemães absolutamente nada sobre Mata Hari.

A despeito disso, a vida de Mata Hari possui uma invejável fortuna bibliográfica. O artigo que aqui se publica - A VERDADE SOBRE MATA HARI - é apenas um dos muitos documentos que, de forma isenta, procura reconstituir a verdade dos fatos. Mas, sua memória sobreviveu a todas essas pesquisas. A humana necessidade de mistérios assegurou-lhe a permanência como mito do nosso tempo.

Como acontece a todo personagem polêmico da História, também Mata Hari foi cercada por uma infinidade de lendas. É verdade, contudo, que Margareth Gertrude Zelle chegou pela primeira vez a Paris em 1903, sem um tostão. Escolheu o Hotel Palace, para onde se dirigiu com suas cinco malas, uma das quais repleta de marrons glacês. Talvez, a primeira providência que tomou para escapar ao anonimato foi sua exclamação, ao entrar no hall do hotel, repleto de gente: “Então é isso que é Paris?” Não deve ter faltado quem julgasse estar ali mais uma das elegantes e dadivosas damas da *dolce vita* européia, ávidas de fama e dinheiro. E estaria certo.

Não podemos pensar na corrupção excitada da *Belle Époque*, em Caporetto e Verdum, no retrato dos avós enfim, sem incluí-lo também: Margareth Gertrude, nascida em 7 de agosto de 1876, em Leeuwarden, Holanda do Norte, com faces e aspirações rosadas e a capacidade de fazer com que os homens pronunciassem frases insensatas. Foi realmente seu diretor, velho oficial reformado das Índias, quem afirmou: “Em Java, vi o retrato de uma moça

bela como você, chamava-se Mata Hari, que quer dizer Olho do Dia”.

Tornou-se baronesa da seguinte forma: seu pai, chapeleiro, passou os melhores anos de sua vida em busca de antecedentes heráldicos e um dia, finalmente, arranhou um pergaminho que o tornava barão. Nessa esperança, tinha falido. Assim, Margareth, embora já há um ano se considerasse Mata Hari, foi obrigada a esfregar pisos e engomar roupas. Os pais estavam em Haia, uma cidade úmida, verde, agitada. E também repleta de oficiais em licença das colônias, especialistas em adolescentes.

Por um belo vestido, Margareth estava disposta a tudo, e começou a ler os anúncios matrimoniais no *Het Nieuws van den Dag* (Notícias do Dia) “Capitão das Índias, em férias, procura mulher adequada ao seu posto, de preferência com alguma fortuna. Campbell Mac Leod”. O solteirão era escocês e quarentão; o anúncio era uma brincadeira feita por amigos de bar. Recebeu quinze cartas em resposta: venceu Margareth, porque mandara também uma fotografia.

Haia, Java, Paris

Casaram-se três meses depois do primeiro encontro. Ela estava grávida e totalmente encantada com o marido guerreiro, de partida para a ilha de Java. Na colônia, deu à luz o primeiro filho e, três anos mais tarde, nasceu-lhe uma menina que, segundo comentários da época, não era do marido.

Foram tempos difíceis aqueles, com alguns momentos realmente trágicos. Além das constantes e raivosas brigas do casal, as duas crianças foram envenenadas pela babá malaia, como vingança contra o Capitão Mac Leod, que expulsara o seu noivo do Exército holandês. Somente a menina se salvou, após semanas de agonia.

Finalmente, vem a separação. A conturbada família retorna a Amsterdã e, dali, Mata Hari segue sozinha para Paris. A primeira providência é ingressar numa escola de dança e entabular amizade com o porteiro do hotel, que se incumba de fornecer-lhe endereços de senhores ricos e apreciadores da beleza feminina oriental.

Num pequeno cabaré, o de madame Kireevsky, conhece o professor Guimet, diretor do Museu Oriental. Foi o primeiro a comparar sua dança uma carícia, a um vôo de pomba e a repuxos de água; foi ele quem jurou que por trás de cada gesto de Mata Hari existiam segredos milenares. Amou-a como se ama a uma sacerdotisa; ela decidiu: "Serei sua concubina".

Havia uma diferença entre ela e as cortesãs tradicionais, que escutam os amigos falarem de esposas gordas e negócios. Mata Hari queria falar, não escutar. O pai, aspirante a barão, os tios velhos, o marido idoso a haviam isolado na personagem da mulherzinha tagarela, tão divertida que distraía. Talvez estivesse apenas em busca de um bom psiquiatra.

De qualquer modo, para ela é um progresso. Mensagens enternecidas de Massenet e Puccini na estréia (estréia, e só) da DANÇA DA PRINCESA E DA FLOR MÁGICA do V ato da ARMIDA de Gluck. A administração do Odéon parisiense hoje recorda: "Devia dançar um bailado árabe em torno do fogo. O resultado do ensaio geral foi deplorável, desconcertante; conseguiu apenas dar alguns requebros com as cadeiras, de uma vulgaridade inaudita. Restituímos seu contrato e a substituímos". Com o contrato em pedacinhos na bolsa, Mata Hari foi convidada pela princesa San Faustino ao palácio Barberini, onde retirou, um depois do outro, todos os véus de Salomé.

Mas é preciso viver

Mata Hari não vive mais em um hotel; alguém lhe ofertou uma vila em Neuilly e um castelinho que pertencera à Pompadour; cavalga todas as manhãs no Bois de Boulogne e, para tudo isso, contri-

buen banqueiros e industriais. Ela, porém, sempre dará preferência aos militares, àqueles que, na manhã seguinte, mandam seus ajudantes levar-lhe rosas.

Quando explode a guerra, tem 38 anos e sente nostalgia de casa. Volta à Holanda, onde o marido e a filha recusam-se a recebê-la. Mesmo assim, permanece durante dois anos.

Paris, que depois torna a encontrar, está debilitada, quase envergonhada por haver aplaudido seus trejeitos. As saias estão se encurtando, há um pouco de tornozelos à disposição de todos. Mata Hari, agora, nos bailes beneficentes, esconde abdômen e ancas numa girândola de véus.

Porém, ela consegue sempre viver à custa de oficiais: os aliados são um pouco como os oficiais de sua adolescência. “A senhora Mac Leod, uma grande artista holandesa, está autorizada a cumprir a sua meritória missão, que consiste em se prodigalizar em favor de nossos soldados”. Assim está escrito no salvo-conduto que Mata Hari solicita para passar uma temporada em Vittel.

Ali, havia um aeroporto (em seguida bombardeado) e um hospital militar, onde se encontrou com o capitão russo Vadim de Massloff, atingido por uma descarga de metralhadora. “Amei apenas ele”, dirá mais tarde.

A propósito da Inglaterra, Mata Hari é ali pouco apreciada; os puritanos sorriem de seu *impolite* erotismo. De Londres chegam as primeiras suspeitas: muito Vittel, muitos bombardeios, muitos passes. O capitão Ladoux, da contra-espionagem francesa, diz-lhe claramente: “Senhora, por acaso não estará passando informação ao inimigo?”. E obscuramente: “Gostaria de fazê-lo para nós?” Mata Hari resplandece: Gosto de aventuras. Se quiserem, será para vocês.” Uma bela desforra sobre a Bella Otero e Sarah Bernhardt. “A que preço?” “Um milhão de francos”. O capitão diz que aceita: mas não lhe confia uma única missão, não lhe dá um franco, continua apenas a observá-la, a fazer de modo que as suspeitas recaiam sobre ela.

Mata Hari se aborrece, e sente medo: “Dêem-me outro passe para a Holanda, por via marítima”; faz escala em Falmouth, ponta extrema de Cornualha: o casal Grant, da contra-espionagem, revista a cabina de Mata Hari; os dois juram que ela é um perigosíssimo agente secreto alemão, de nome Clara Benedix.

Margareth Zelle permanece durante uma semana à disposição da Scotland Yard; e, já com olheiras e desesperada, confia a um jovem funcionário estar a serviço do capitão Ladoux, o qual nega indignado, e sugere que a mandem para longe, para a Espanha, por exemplo, que tanto lhe agrada. Em Madri, é cortejada pelo adido naval germânico, Wilhelm Canaris, o homem que 26 anos mais tarde tentaria uma paz separada contra Hitler. De Canaris passa para Von Kelle, chefe da espionagem alemã. Ladoux esquece tê-la repudiado e comunica-lhe: “Desejo o número dos submarinos alemães em Marrocos”. E Mata Hari consegue alguma coisa. Para os franceses. Enquanto os alemães a consideram “inteligente e preciosa para a causa”.

Disseram que os seus informes teriam ocasionado o afundamento de dezessete comboios aliados, com a conseqüente morte de milhares de soldados; o insucesso de três grandes ofensivas francesas; o torpedeamento do cruzador britânico Hampshire, e a malograda surpresa entre as fileiras alemãs pelo aparecimento dos primeiros carros blindados. Culpa de Mata Hari, a feroz H-21.

Estamos em 1917; e fala-se apenas da *boucherie*, do massacre de Verdum: dez meses de assédios e 1 milhão de mortos; ela procura ainda Vadim, mas acabou-se a hora da facilidade de passes; mandam-na de um guichê para outro, sem resultado e na manhã de 13 de fevereiro, o comissário Priolet entra em seu quarto para prendê-la. Ele e quatro inspetores contra uma Mata Hari de 41 anos, apenas despertada, que absolutamente não desfaz as tranças nem os véus para seduzi-los.

“A hora é grave”

Agora, é uma discreta senhora. Nos cárceres de Saint-Lazare não lhe faltavam, todavia, nem amor nem marrons-glacês: cuidava disso o advogado Edouard Clonet, de 74 anos. O juiz instrutor Pierre Bouchardon a acusara formalmente de espionagem. Acumulam-se as provas (hoje desaparecidas; nos arquivos alemães nunca existiu um agente H-21).

O processo de Margareth Gertrude Zelle durou um dia e meio, não tendo sido admitida nenhuma testemunha a seu favor. Vem a condenação à morte. Do dia da prisão ao de seu fuzilamento, três governos agitaram a França. Briand, Ribot, Painlevé. Até mesmo o Ministro do Interior Malvy foi acusado de traição pela *Action française*. “A hora é grave”, põe-se em movimento o pelotão de execução. Mata Hari tem uma crise apenas quando vê chorar o seu advogado de defesa, mas continua a esperar, a confiar em seus protetores.

Nenhum aparece. Os jornalistas escrevem que ela tinha a pretensão de tomar banhos de leite, com tantas crianças francesas passando fome! Em 15 de outubro de 1917, às cinco da manhã, informam-na de que o pedido de graça fora indeferido. Mata Hari vive bem este momento: chora, presenteia suas roupas às duas assistentes, veste um casaco cinzento, um véu violeta, sapatos quase novos e luvas *mordoré*. Não diz uma palavra no carro que a transporta ao forte de Vincennes. O pelotão de execução é formado por zuavos.

Um deles, Gaston Roche, recorda: “O nosso oficial disse que queria voluntários para o fuzilamento. Apresentou-se um, mas somente porque lhe haviam dito que Mata Hari iria se desnudar diante do pelotão. Então o oficial disse que ele não iria fazer parte do grupo, e que não admitia vulgaridades”. Sempre se tratava de uma mulher, seja lá o que tivesse feito. Mas ninguém se oferecia, e então ele escolheu os homens: “Lembrem-se de que são voluntários” – disse. “Aliás, nenhum de vocês saberá jamais se contri-

buiu ou não para matar Mata Hari. Um dos fuzis está carregado com salvas. Poderá ser teu, ou o teu”.

Ninguém indicou a Mata Hari onde deveria colocar-se, mas ela não hesitou. Pôs-se no lugar exato, de frente para o pelotão. Um oficial adiantou-se com a venda negra nas mãos. Os olhos dela abriram-se, surpresos: “É mesmo necessário?” E foram suas últimas palavras. Cai sobre os joelhos lentamente, e depois fica prostrada, de lado...

Não teve funerais, ninguém se apresentou para reclamá-la. A autoridade militar, visto que ninguém a desejava, pôs seu corpo num furgão e remeteu-o para o hospital de Paris. Nos dois dias em que o cadáver de Mata Hari permaneceu no necrotério, sobre uma mesa, foi velado por dois gendarmes que fumavam cachimbo e passavam o tempo jogando cartas.

Entre os objetos pessoais de Mata Hari foram encontrados 14.251 francos e 65 centavos. Foram confiscados pelo Estado para pagar as despesas do processo. Não se sabe ainda o que aconteceu com seu corpo, se foi cremado, ou despedaçado num estudo de anatomia.

“A justiça foi feita” anunciaram praticamente todos os jornais aliados. Na Rússia, a revolução soviética vencera. O prussiano Von Belov estava para romper a frente italiana em Caporetto. Em Viena, Sigmund Freud, um professor austríaco, de família judia, escrevia livros estranhos, sustentando, por exemplo, que “um ato de Justiça é, sempre, um ato de temor”.